

O SUJEITO ENQUANTO CONSCIÊNCIA REALIZADORA NA FILOSOFIA DE SARTRE

DAMARES¹.

Resumo: Destaca a importância de preservar a autonomia proposta pelo existencialismo para o sujeito. Ressalta que, o sujeito pensado pelo existencialismo guarda características diversas do sujeito reconhecido por Descartes e reafirmado por Kant. No existencialismo ele perde sua característica solipsista e assume-se como consciência que se constitui ao se relacionar com o outro e com o mundo. Utiliza como base, o texto O existencialismo é um humanismo e outros textos afins, para afirmar a capacidade realizadora do sujeito, potencializado pela liberdade e responsável por sua existência.

Palavras-Chave: Sujeito, Existência, Realização.

¹ Damares de Avelar França é graduanda em Filosofia – Bacharelado Instituição - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo.

Abstract: *It highlights the importance of preserving the autonomy proposed by existentialism to the subject. He points out that the guy thought by existentialism keeps several characteristics of the subject recognized by Descartes and reaffirmed by Kant. Existentialism he loses his solipsistic character and positions itself as consciousness that is to relate with each other and with the world. Used as a basis text Existentialism is a Humanism and related texts, to say the director capacity of the subject, boosted by the free and responsible for their existence.*

Keywords: *subject, existence, realization.*

Seria extremamente inapropriado tentar retirar do sujeito sua liberdade em atuar no mundo, e em conseqüência disso, tentar isentá-lo de sua responsabilidade em decorrência do seu agir.

Buscando legitimar esse pensamento, esse trabalho procura ressaltar a importância da posição que o ser humano ocupa no mundo como sujeito que, através das suas escolhas, pode determinar seu caráter e os objetivos de sua vida. Para isso, visita o momento do nascimento do sujeito cartesiano, descobrindo ser possuidor da racionalidade e assumindo uma nova posição frente ao mundo. Sujeito esse que, a seguir, em Kant, adquire posição central no mundo, e aloca em si toda capacidade de conhecer o que está a sua volta.

Amparando-se principalmente na obra *O Existencialismo é um Humanismo*; resultado de uma conferência, na qual Sartre se dispõe a defender a filosofia existencialista de diversas críticas, e oportunamente esclarece algumas dúvidas oriundas da falta de entendimento da real proposta do existencialismo e também prioriza a importância de se partir da subjetividade humana para alcançar o verdadeiro sentido na elaboração de uma teoria que tem como princípio a própria existência.

Através do texto citado acima e também de alguns outros textos afins, procura mostrar que o sujeito idealizado por Descartes potencializado por Kant é detentor de autonomia. Porém no existencialismo, essa autonomia sofre um processo de amadurecimento, sai do isolamento e volta-se para o mundo. Pois, para o existencialismo, ser sujeito significa estar presente no mundo, com liberdade e responsabilidade, e não sobrevoar o mundo num distanciamento repleto de superioridade e pretensa sabedoria. Muito pelo contrário, trata-se de saber que o conhecimento de si, se dá na relação com o outro e com o mundo.

Procura mostrar também que, o homem é incondicionalmente livre, e que essa liberdade é concreta e absoluta. O texto, *O existencialismo é um humanismo* convoca o ser humano a viver plenamente sua humanidade, consumá-la, não acomodar-se, não permanecer inerte; resumido a um destino pré-estabelecido por uma essência comum a todos os seres humanos.

Porém, o sujeito idealizado pelo existencialismo não se fez gratuitamente, foi necessário um longo caminho, permeado por muita reflexão e algumas contribuições, para perceber-se como tal.

Segundo Damon (2006, p.193-196) a etiqueta “existencialismo” foi criação da mídia francesa, após a segunda guerra mundial, para rotular jovens filósofos e escritores. Sartre a assumiu por ocasião da conferência *O existencialismo é um humanismo*, que fez, visando esclarecer interpretações equivocadas, e para defender-se das críticas formuladas pela falta de entendimento da sua filosofia. Mas embora não tenha sido o criador da etiqueta, esta lhe serviu sob medida. Pois, o que sempre motivou o pensamento de Sartre foi seu desejo de compreender o ser humano. Ser humano que, só pode ser pensado como indivíduo atuante a partir da modernidade, quando Descartes lhe confere o status de sujeito.

Descartes entende que, o que vem se desenhando na sua realidade é um prenúncio de mudanças. Para superar o provável, dá início a um processo investigativo que tem como objetivo; a certeza. Seu objeto de pesquisa é o próprio ser humano. Seu ponto de partida é a dúvida. Porém, o simples fato de duvidar, confirma que está pensando, e que tem consciência disso. Percebe que a razão consegue enxergar a si própria; e, isso a torna um instrumento único e isolado. “(...) Nada sou, pois, falando precisamente, senão uma coisa que pensa, isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão.” (DESCARTES, 1983, p.94). Descartes inaugura a idade moderna, período marcado pela supremacia da razão; e, ao elegê-la como ferramenta, promove uma nova condição do homem frente ao mundo.

O período iluminado pela razão alcança seu apogeu em Kant, que promove uma revolução. Ao invés de procurar no mundo uma forma de conhecê-lo, ele passa a investigar a razão e seus limites. O sujeito kantiano só conhece o mundo porque tem faculdades que permite esse conhecimento, tudo passa pela interioridade do sujeito. “Pois a razão é a faculdade que fornece os princípios do conhecimento a priori. Por isso a razão pura é aquela que contém

os princípios para conhecer algo absolutamente a priori.” (KANT, 1987, p.34). O sujeito kantiano é responsável pela construção do seu próprio mundo.

Denomino transcendental todo conhecimento que em geral se ocupa não tanto com os objetos, mais com nosso modo de conhecimento de objetos na medida em que este deve ser possível a priori. Um sistema de tais conceitos denominar-se-ia filosofia transcendental. (KANT, 1987, p.35).

O sujeito kantiano é o sujeito do conhecimento, que vê a coisa como ele quer, ele representa a coisa para ele mesmo, ele reflete a coisa. O sujeito kantiano é responsável pela construção do seu próprio mundo. Nessa postura de alocar o conhecimento dentro do próprio sujeito, Kant promove um conhecimento formal e parcial.

O sujeito idealizado por Descartes e Kant se coloca no mundo pelo conhecimento, aprisionado em sua própria subjetividade. O existencialismo pretende tirá-lo do isolamento do cogito cartesiano e transcender a capacidade de conhecimento a priori do sujeito kantiano em favor da sua relação com o outro e com o meio. Para Sartre o “penso” ao contrário de fechar o sujeito em si mesmo, conscientiza-o de si e do outro em um só momento.

Através do penso, contrariamente à filosofia de Descartes, contrariamente à filosofia de Kant, nós nos apreendemos a nós mesmos perante o outro, e o outro é tão verdadeiro para nós quanto nós mesmos. Assim, o homem que se alcança diretamente pelo cogito descobre também todos os outros, e descobre-os como sendo a própria condição de sua existência. (SARTRE, 1984, p.15).

Manter como ponto de partida a subjetividade humana é determinante para Sartre. Pois, a força motriz que sempre alimentou seu pensamento foi o desejo de compreender o indivíduo na sua plenitude, em toda sua capacidade de realização, enquanto um projeto de vida. “(...) O homem é um projeto que se vive a si mesmo subjetivamente”. (SARTRE, 1984, p.6). E se, o que se almeja é potencializar a existência humana, então é necessário que se parta da subjetividade, ou para usar a terminologia do próprio Sartre, da consciência.

Ao afirmar essa necessidade, e justificar sua posição: “(...) Nosso ponto de partida é, de fato, a subjetividade do indivíduo.” (SARTRE, 1984, p.15). Porque só assim é possível uma doutrina “(...) Baseada na verdade e não num

conjunto de belas teorias cheias de esperança, mas sem fundamentos reais". (SARTRE, 1984, p.15). Também deixa claro que o sujeito do existencialismo está voltado para o mundo, e ter esse entendimento, é tão importante quanto compreender que o ser humano é a força que alimenta o seu próprio pensamento. Por isso que, a subjetividade declarada por Sartre não aprisiona o sujeito em si mesmo, e tem características bem diferentes da subjetividade que a filosofia moderna concebeu até então, que tinha como figura central um sujeito solipsista, voltado para sua interioridade e tentando desvendar o mundo de forma abstrata, assimilada somente através de conceitos. Não se dando conta que sua presença no mundo, desencadeia uma seqüência de atos que tem conseqüências em si e nos que o rodeiam. "(...) Não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens". (SARTRE, 1984, p.6). Por isso, realmente é indispensável partir do cogito, o sujeito percebe a si, mas também percebe o outro como necessário a sua existência. O sujeito existencialista reage à realidade que o cerca no seu dia-a-dia, no desenvolver de suas tarefas cotidianas. Quando se tem essa percepção, também é possível compreender que, estar no mundo é fazer parte de uma engrenagem onde cada peça é necessária para a existência da outra, e também existência do todo. É importante entender que essa atuação no mundo, precisa ir além da interiorização de conceitos e elaboração de teorias que provocam um distanciamento do real e um isolamento do ser humano em relação ao meio. É de vital importância saber que existir é engajamento, e a vida é concreta e dinâmica, seu movimento é contínuo e real.

Essa subjetividade que soltou as amarras que a mantinha presa no interior do sujeito e passou a provar do mundo concreto, é o que Damon (2006, p.196) denomina de subjetividade concreta, que é esse lançamento da consciência em direção ao mundo. Que é muito diferente do sujeito fechar-se em si mesmo e tentar entender o mundo sem se relacionar com ele, negando que, sua existência só se concretiza quando é capaz de ir além dos conceitos. Essencial é reconhecer que não é possível pretender estar mundo sem provar dele, sem tocar o mundo e ser tocado por ele. Efetivar essa relação significa dar um passo além do conhecimento adquirido por abstração. A subjetividade declarada por Sartre é concreta, se dá no corpo a corpo, na relação com o mundo concreto, no convívio com suas particularidades, para perceber uma singularidade que só a vivência pode proporcionar.

Damon afirma (2006, p.198), a subjetividade concreta é: "(...) corpo concreto é esse corpo-sujeito, esse corpo que eu sou, esse corpo efetivo, sujeito

de experiência, não aquele outro, abstrato, genérico, definido pela ciência e tornado como objeto". Viver segundo essa subjetividade resulta em: "(...) esse sujeito que desvela o mundo e não pode ser definido a partir de conceitos gerais e abstratos." (DAMON, 2006, pp.198,199). No enredo dessas afirmações elabora um exemplo que facilita o entendimento de como é possível conhecer uma cidade de duas maneiras. Uma seria através de informações teóricas como: extensão territorial, tipo de clima, localização, quantidade de habitantes e assim por diante. A outra maneira é visitar a cidade, observar a vegetação, a cor de sua água, o comportamento da população, perceber a sinuosidade das ruas. Ou seja, viver nem que seja temporariamente a realidade daquele lugar. Esse conhecimento sim, é real e contém a singularidade da experiência vivida.

Da mesma maneira que existe a cidade conceituada e a cidade real, também existe um corpo, que é definido pela ciência, que é genérico e objetivo, e não é de forma alguma falso. Mas também existe o outro, o corpo de um sujeito específico atuando no mundo, experimentando-o, compartilhando experiências. Esse sujeito, ao desempenhar uma ação como andar, por exemplo, não precisa pensar como é constituída sua perna. Simplesmente ele, num impulso, move-se, sem que isso seja um movimento estudado. E é seguindo essa linha de raciocínio que Damon afirma: "(...) significa dizer que concretamente não me dou conta do meu corpo." (2006, p.199). E elabora um segundo exemplo para facilitar a assimilação desse raciocínio.

Se ao ler um romance, um leitor qualquer, permanecer com a atenção voltada para o tamanho das letras, na sua cor, na distância entre elas, não conseguirá embarcar na aventura narrada. É imprescindível que deixe passar despercebidas essas informações, para que seja possível experimentar as emoções da narrativa. Do mesmo modo, também é preciso deixar que o corpo enquanto estrutura física passe despercebido para que a consciência se lance para além dele, e nesse lançar-se, se relacione com o que está ao seu redor. "(...) o corpo é como a carne de minha consciência e minha consciência é como a projeção desse corpo para diante de si." (DAMON, 2006, p.200).

É pertinente ressaltar que, quando se fala em uma consciência que, partindo do sujeito estabelece uma conexão com o outro e com o mundo, não se está falando numa consciência capturadora, que aprisiona os conteúdos dentro de si. Sartre mantém a idéia de consciência como intencionalidade herdada da fenomenologia.

No texto “Uma idéia fundamental da fenomenologia de Husserl”; Sartre adverte que: “(...) Husserl não cansa de afirmar sobre a impossibilidade de dissolver as coisas na consciência, já que a coisa não conseguiria acessar as consciências devido não ter a mesma natureza que elas.” (2006, pp. 55,56).

Souza (2010, p.17), Por sua vez, afirma que além da diferença de natureza, a consciência não é nada, antes de relacionar-se com o mundo. Ela só é na medida em que se direciona às coisas, na medida em que existe; e reforça que, é justamente a separação propiciada pela diferença, que faz com que aconteça o movimento da consciência em direção ao mundo.

(...) E o que permite esse movimento da consciência em direção ao mundo é a separação inicial que deve ser feita entre consciência e mundo. Embora uma necessite do outro – a consciência só é nesse direcionar-se ao mundo. (SOUZA, 2010, p.17).

O sujeito enquanto consciência se projeta em direção ao mundo, mas não o deglute, não se trata de um processo de nutrição e sim de relação. Ao conhecer-se concretamente no mundo, o sujeito conhece também o mundo, numa relação que se estabelece a partir da apreensão de si e do outro, isso só acontece pelo fato do indivíduo estar no mundo, só acontece porque ele existe. Antes disso, não há nada; e, isso caracteriza o Existencialismo.

Sartre ressalta que, embora a filosofia moderna centralizada no sujeito, tenha tentado acabar com a noção de Deus, manteve a crença, de que há uma essência comum a todos os seres humanos, que é anterior ao existir. Segundo esse raciocínio:

(...) O homem possui uma natureza humana; essa natureza humana, que é o conceito humano, pode ser encontrada em todos os homens, o que significa que cada homem é um exemplo particular de um conceito universal: o homem. (SARTRE, 1984, p.5).

Posicionar-se dessa maneira, é crer que a essência precede a existência, que o ser humano foi produzido seguindo um modelo, para atender a uma finalidade pré-estabelecida: “(...) Assim, mais uma vez, a essência do homem precede essa existência histórica que encontramos na Natureza”. (SARTRE, 1984, p.5). Mais coerente, segundo Sartre, é pensar que a “existência precede a essência”. Isso significa para ele, a constante possibilidade de escolha do ser

humano. Enfatiza a ação, o fazer. O ser humano existe em primeiro lugar, surge no mundo, se descobre, e nesse descobrir-se se define. Sendo assim, o ser humano é o que faz, ele atua no mundo, se lança para o futuro, e é consciente de se projetar no futuro. Nada existe antes do homem estar no mundo, ele é um projeto que vive e vive subjetivamente.

O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialismo o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que fizer de si mesmo. (...) O homem é tão somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo. (SARTRE, 1984, p.6).

Se o ser humano não tem uma essência que o define, se não está fadado a realizar uma existência determinada anteriormente, se suas escolhas não estão subordinadas a algum valor a priori, então ele está por sua própria conta, para fazer de si o que puder; e, se isso pode ser desalentador também é libertador. Adotar essa linha de pensamento, no entanto, não legitima nenhum comportamento imoral perante a vida, porque juntamente com a liberdade, vem a responsabilidade. “(...) Antes de alguém viver, a vida, em si mesma, não é nada; é quem vive que deve dar-lhe um sentido; e o valor nada mais é do que esse sentido escolhido.” (SARTRE, 1984, p.21). Não se trata também de uma filosofia que estimula a imobilidade, onde o sujeito se mantém inativo, desencorajado ou com ausência de auto-estima. É completamente equivocada a dedução de que, pelo fato de acreditar que não existe uma essência divina, que fornece força e otimismo ao ser humano, o existencialismo se constitui em uma doutrina pessimista, que se amedronta diante da dureza da realidade. É exatamente o contrário, a filosofia de Sartre acredita que o ser humano é forte, forte bastante para assumir no mundo uma postura de catalisador de mudanças, que diante das dificuldades sempre pode escolher enfrentá-las, pois acredita na ação, na capacidade ilimitada de agir, na determinação em fazer, em incrementar projetos; isso caracteriza uma conduta otimista diante da vida.

Vimos, portanto, que ele não pode ser considerado como uma filosofia do quietismo, já que define o homem pela ação; nem como uma descrição pessimista do homem: não existe doutrina mais otimista, visto que o destino do homem está em suas próprias mãos; nem como uma tentativa para desencorajar o homem de agir: o existencialismo diz-lhe que a única esperança está em sua ação e que só o ato permite ao homem viver. Nesse plano, estamos, por conseguinte, perante uma moral da ação e do engajamento. (SARTRE, 1984, p.15).

Tão pouco incentiva o individualismo, o que a princípio poderia supor por ser tratar de uma doutrina que parte da subjetividade humana. Mas, mais uma vez é necessário reiterar, trata-se de uma teoria que visa à realização humana e, portanto, só poderia partir do momento em que o ser humano se percebe presente no mundo. “(...) Qualquer teoria que considere o homem fora desse momento em que ele se apreende a si mesmo é, de partida, uma teoria que suprime a verdade.” (SARTRE, 1984, p.15). Porém, a subjetividade é apenas o ponto de partida, que só se realiza completamente na intenção de se lançar em direção ao mundo. O ser humano escolhe a si, mas não somente a si, escolhe a si e toda a humanidade. “(...) Ao afirmamos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens.” (SARTRE, 1984, p.6). Então, para o existencialismo, é coerente pensar que o homem está no mundo aberto a todas as possibilidades. Cabe a ele, através de suas escolhas e ações determinar seus valores. A ausência de limites pré-estabelecidos não legitima nenhuma barbárie, significa apenas, que para o existencialista a liberdade não é uma opção, ser livre está vinculado à própria existência humana, ela é inerente ao existir.

Segundo Souza (2010) a liberdade declarada por Sartre não é compatível com a idéia de um sujeito determinado nem por uma essência divina anterior a sua existência, nem pela realidade em que está inserido, nem pela história. Ele é liberdade e ela é sempre absoluta, absoluta porque ela está presente mesmo em situação de opressão. Apesar de se encontrar oprimido num determinado momento, o ser humano pode decidir agir e mudar sua posição, e pode também acomodar-se. De qualquer maneira, acomodar ou reagir, é uma decisão que só ele pode tomar. E ter a percepção de sua situação, e saber-se capaz de alterá-la só é possível porque ele é constituído como liberdade. “(...) Apenas porque somos absolutamente livres é que podemos ser exercício de libertação,

busca concreta de uma relação mais autêntica e menos opressora entre as liberdades.” (SOUZA, 2010, p.22).

Souza (2010) também chama a atenção para a singularidade do conceito de liberdade em Sartre, que se dá justamente no movimento da consciência, ao se lançar para além de si alcançando o que a rodeia, realizando-se enquanto consciência nesse momento.

Na filosofia de Sartre a noção de liberdade se refere ao movimento da consciência em direção ao mundo, e como a consciência só é na medida em que se movimenta, em que se volta para o mundo, a liberdade acompanha a consciência o tempo todo, é o ser da consciência, é o nada de ser que somos. E é por isso que a liberdade aqui é absoluta: ela se encontra em toda possibilidade de ação, em toda possibilidade de fuga, em toda relação que o homem mantém com o mundo. E como a negação da relação é ainda um modo de se relacionar com o mundo. (SOUZA, 2010, p.18).

Se a liberdade resulta do movimento da consciência em direção às coisas, e o ser humano é essa consciência que intencionalmente se lança para o mundo, então a humanidade é liberdade. É devido ao seu próprio conceito de liberdade que Sartre afirma a impossibilidade do existencialismo ser uma filosofia que estimula a acomodação e o pessimismo. É exatamente o contrário, a doutrina proposta por Sartre, acredita no ser humano, e na sua imensa capacidade de inovar e produzir mudanças mesmo quando o ambiente se mostra desfavorável. A liberdade nos obriga a fazer escolhas o tempo inteiro enquanto vivemos, e fazer escolhas se traduz em inquietação e ação. Em última instância, mesmo quando se pensa não estar escolhendo, estamos escolhendo não escolher.

O que é possível perceber, é que, o que sempre motivou o pensamento de Sartre foi compreender o ser humano enquanto sujeito atuando no mundo. Esse entendimento se inicia na singularidade do sujeito, e estende-se para o universal, incluindo o meio em que está inserido e a situação histórica que está vivendo. Sartre, quando pensa uma doutrina para a vida, afirma que é necessário partir do momento em que o sujeito se percebe como ser pensante e consciente disso. A partir do “penso, logo existo”; ou seja, a partir do cogito cartesiano. Simplesmente porque esta é uma verdade que permeia qualquer filosofia que tem como objetivo lidar com a concretude da vida humana em

toda sua complexidade. Mas também, afirma a necessidade de transcender o isolamento do eu em relação a tudo que o rodeia, característica do pensamento de Descartes e Kant, que alocaram todo conhecimento na interioridade do sujeito moderno. Ressalta que além do conhecimento teórico, adquirido através de conceitos, é necessário viver num corpo a corpo com o mundo. Admitindo que, o ser humano só se percebe realmente, no instante em que percebe também o outro. Ou seja, ele percebe a si mesmo, mas também percebe toda a humanidade.

Como herdeiro de Husserl, mantém a idéia de uma consciência como intencionalidade que se lança em direção ao mundo, mas não se mistura a ele. Pretende ir além de seu predecessor, no sentido de esvaziar a consciência de qualquer resíduo, trabalhando com a idéia de uma consciência que nada é antes de ir de encontro às coisas. E que, justamente esse movimento intencional da consciência para além dela, resulta em uma liberdade absoluta, na qual o homem está condenado a viver. Mesmo que, em algum momento ele se encontre em situação de constrangimento ou servidão, isso não o determinará. Pois ele é liberdade, e sendo liberdade ele poderá fazer de si o que quiser, porque não estará subordinado a nenhum projeto definido anteriormente para ele. Para Sartre não existe uma essência que precede a existência. Antes de viver o homem não é nada, ele só é na medida em que vive; ele está por sua própria conta. Ressalta que, esse pensamento não encoraja o pessimismo, nem a imoralidade, nem o individualismo, nem a acomodação. O que alimenta o existencialismo é a ação, o engajamento, partindo sempre do princípio de que, o ser humano ao reconhecer sua importância está necessariamente reconhecendo a importância de toda humanidade. Estar largado no mundo, aparentemente desamparado, pode ser desalentador, mas pode ser também estimulante. Nesse sentido, Sartre lança o homem no mundo, sozinho e responsável por si mesmo. Ele será o resultado do que tiver projetado para si.

O existencialismo deseja pôr o ser humano no domínio do que ele é, deixar a seu encargo a total responsabilidade da sua existência. E se, isso é desamparo é também liberdade. O ser humano é livre; e, está condenado a ser livre e fazer escolhas que possibilitam mudar seu projeto inicial a qualquer momento e seguir por um novo caminho. Condenada a ser livre, a humanidade vai definindo sua existência enquanto vive.

REFERÊNCIAS:

DAMON, Luiz S. M. **Seis Filósofos na Sala de Aula**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2006.

DESCARTES. René, 1596-1650 - **Discurso do método**; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; cartas / René Descartes ; introdução de Gilles Gaston Granger; prefácio e notas de Gerard Lebrun ; tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Junior., 3.ed. São Paulo : Abril Cultural, 1983. (Os pensadores).

KANT. Immanuel. **Crítica da razão pura: Os pensadores.**, v. I. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Fortes, Bento Prado Junior. - São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os pensadores).

SARTRE, Jean-Paul. Uma **idéia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade**. In. *Situações I*. Trad. Cristina Prado. São Paulo: Cosac & Naif, 2006.

SOUZA, Thana Mara. **Liberdade e determinação na filosofia Sartriana**. Disponível em:
<http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/2_ThanaMaradeSouza.pdf>. Acesso em: 29 Out. 2013.